

***Jornadas de investigação:
(Neo)liberalismo, corpos, clínicas da transformação***

**V Jornada de investigação:
Formação da clínica psicanalítica no Uruguai**

Convocatória

Os campos do saber que se estruturam como uma *práxis* – seja ela uma *práxis* ética, política, educativa ou clínica -alteram-se junto com as formas de vida e as *formações político-sociais*. As diferentes esferas sociais dotadas de valores, tal como as artes, a economia, a política, a ciência e a cultura, *não estão dotadas de autonomia*, pelo contrário, são continuamente pressionadas e ajustadas por *racionalidades produzidas extensivamente* aos próprios regimes e modelos sócio-econômico-políticos tais como: liberalismo, neoliberalismo, republicanismo, socialismo, socialdemocracia, populismo. Estes modelos seriam, também, *dispositivos de reconhecimento e/ou de invisibilização, criação e gestão do sofrimento psíquico*. O sofrimento é compartilhado, coletivizado ou se individualiza diretamente em função dos *atos de reconhecimento* que o determinam como tal, das narrativas e discursos que o incluem ou excluem. Tais efeitos ontológicos dos discursos sobre os sujeitos, seus corpos e seus sofrimentos tem sido objeto de reflexão histórico-filosófica inspirada pela obra de Michel Foucault, hoje liderada por autores como Ian Hacking, Erica Burman, Ian Parker, Nikolas Rose, Richard Sennett, entre muitos outros – respondendo a uma grande preocupação com as formações políticas do nosso tempo.

Como se estruturam os laços entre o trabalho, a linguagem e o desejo em determinada formação político-social? Em todas as épocas houveram formas de se compreender a subjetividade e o corpo orientadas a *submissão* ou a *adaptação* e também a formas de cuidado e práticas *transformativas*, críticas ou conformistas. A partir das análises sobre o poder realizadas por Foucault, as formas de alienação passaram ser vistas como indissociáveis da produção de subjetividades ‘livres’ e ‘autônomas’. Há, portanto, um trabalho crítico e clínico que nos orienta a produzir um saber e a interferir no não-reconhecimento e na invisibilização de determinadas formas de vida, através de novas perspectivas conceituais.

Durante o século XX e até os dias de hoje, *liberalismo e neoliberalismo* tem sido as formas predominantes na política. Analisar suas *racionalidades econômicas* significa realizar um esboço da constituição subjetiva da época:

- (1) *Noliberalismo* do capitalismo industrial, fordista e taylorista, as relações de trabalho são rígidas e hierarquizadas, e a produtividade está associada a permanência no local de trabalho; já no *neoliberalismo*, da financeirização do capital, as hierarquias e relações de trabalho são flexíveis promovendo precarização laboral, a produtividade está associada ao cumprimento de metas;

- (2) O *sujeito do liberalismo*, com a marcada divisão entre vida pública e privada e uma experiência de tempo e espaço clara e localizada; o *sujeito do neoliberalismo* com limites mais flexíveis entre o público e o privado e o descolamento das relações espaço-temporais;
- (3) No *liberalismo*, uma *racionalidade diagnóstica* pautada pela referida divisão público-privado, buscando formas de vida adaptativas, sendo a clínica da neurose e da psicose bons exemplos da pressão de sobredeterminação da rationalidade econômica neste campo; e, no *neoliberalismo*, o advento de uma nova forma de corte subjetivo que não identifica o resto – *tudo pode ser reconhecido e reutilizado para a produtividade* – incluindo uma nova matriz diagnóstica: a produção e confirmação de diagnósticos como a depressão e outros transtornos de humor, dotados de valor de mercado e potencial de risco e uma clínica que se viabiliza através da escuta e do reconhecimento destes afetos;
- (4) As técnicas de intervenção psíquica de natureza *liberal*, centradas nas noções de *evolução, amadurecimento e progresso*, em contraste com as psicoterapias *neoliberais* orientadas para *a performance, a adaptação, o propósito (purpose) e a autorregulação*, combinadas com as políticas de gestão de pessoas e riscos.

As diretrizes pautadas na rationalidade econômica – atravessadas por relações de classe, raça, gênero, etc. – que tradicionalmente naturalizavam desigualdades produzindo diferenças, agora também produzem diferenças compreendidas como desigualdades, e neste amplo espectro se inscrevem, interferem e intervêm os movimentos sociais, as formas de vida, as visões de mundo, as práticas teóricas, clínicas, educativas, etc. que tentam romper com as lógicas adaptativas e conformistas.

Nas *Jornadas de Investigação: (Neo)liberalismo, corpos, clínicas da Transformação/ V Jornada de Investigação: Formação da clínica psicanalítica no Uruguai*, exploraremos a articulação entre a transformação subjetiva, a política dos corpos, o trabalho e a transformação social. Propomos discutir sobre os modelos de transformação que subjazem as diferentes matrizes clínicas (“clínicas da transformação”) e educativas (a relação entre educação – ensino, o saber e os saberes sobre o corpo no momento de sua transmissão) nos referidos cenários políticos.

Como localizar as diferentes matrizes terapêuticas e diagnósticas – psicanalíticas, psicoterapêuticas, médico-psiquiátricas e outras modalidades não-institucionalizadas ou não-hegemônicas de nomeação do sofrimento – relacionadas a transformação política e social? A partir de *pequenos modelos de intervenção subjetiva*, cada técnica psicoterapêutica poderia organizar-se e legitimar-se para *fins educativos* ou de *adaptação social*, para *o desenvolvimento do sujeito* a fim de obter *controle mental ou autorregulação*, para a *liberdade associativa*, etc., se relacionando como *modelos de intervenção social* a partir das *teorias da transformação* às quais estão associadas. Isso valeria igualmente para todos os profissionais de saúde mental (psiquiatras, psicanalistas, psicoterapeuta...)? Que teorias da transformação da subjetividade articulam suas práticas? Que condições fariam de suas práticas um mecanismo de sujeição e alienação, ou, pelo contrário, transformativas, como uma via de emancipação social e política?

Uma transformação política não mudaria apenas a *circulação dos bens materiais*, mas também o *círculo dos afetos* que produzem corpos políticos, individuais e coletivos. Desde os hábitos aparentemente mais inócuos até as práticas de disciplinarização direcionadas à modelar subjetividades, sempre se trata de distintas expressões da educação do corpo ocasionada por uma formação social determinada. Organizar os corpos no tempo e no espaço é uma das chaves da política e essa organização não está isenta de um saber. Quais são os limites, a força política da transformação – subjetiva, social – presente nas mais diversas práticas clínicas e corporais?

Qual a *pertinência* do conceito de *transformação da subjetividade* como operador para a compreensão da racionalidade das demandas políticas contemporâneas?

Em um momento de pressão sistemática para a instauração de uma racionalidade diagnóstica neoliberal: *em momentos em que, entretanto, tem se impulsionado no Uruguai, transformações que tendem a reparar o tecido social e a convivência* (lei do matrimônio igualitário, descriminalização do aborto, regulação do consumo recreativo de *cannabis*, lei de saúde mental, lei integral para pessoas *trans*; diversas iniciativas que se direcional a igualdade de direitos da mulher, entre outras); *em momentos de transformação nas políticas de saúde mental* (desinstitucionalização e luta antimanicomial, direito a psicoterapia em função da condição socioeconômica e dos riscos laborais), que buscam resistir, propor e deslocar os focos de tais tendências e pressões; *em tempos em que a Universidad de la República (Udelar) tem participado ativamente na elaboração e implementação de tais políticas, o debate acadêmico e público que essas Jornadas propõem, convocando convidados internacionais que estão articulados, em diversas ações, com atores acadêmicos locais evidenciam a importância de sua realização.*

Trata-se de um evento que surge a partir de diversas iniciativas de cooperação e intercambio entre grupos de pesquisa da Universidad de la República (Udelar – Uruguai) e o *Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da Universidade de São Paulo* (Latesfip-USP), que, no Brasil, retomou as pesquisas sobre a tradição crítica a respeito da alienação subjetiva e a política, produzindo pesquisas que articulam os métodos filosóficos e as práticas de intervenção clínica, nos quais, a análise dos processos de alienação supõem uma articulação entre *a crítica da economia política, a crítica dos modelos de racionalização e a crítica dos modelos de constituição das subjetividades*.

EIXOS TEMÁTICOS:

- 1) Crítica, clínica, espaço público: liberalismo-neoliberalismo, conexões entre racionalidade econômica, e racionalidade diagnóstica. Políticas de reconhecimento e segregação.
- 2) Articulações políticas do corpo: saúde, educação, assistência.
- 3) Alienação, adaptação, liberdade. Matrizes clínicas e educativas da transformação. Ciência e teoria como crítica ou reprodução ideológica.
- 4) Alteridade, identidade, sofrimento. Programas psicoterapêuticos de intervenção, patologias do social.